



CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA NO PROCESSO EDUCATIVO: O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO FRENTE ÀS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Prof. Me. Jakson José Gomes de Oliveira
Profª. Mestranda Ana Lúcia Almeida de Oliveira

Secretaria de Estado de Educação do Pará/Universidade do Estado do Pará - jak.son@bol.com.br
Universidade Federal do Pará - luciaufpa@bol.com.br

RESUMO

O presente trabalho é parte integrante de uma pesquisa em andamento do GEDEC-CC/UFGA Grupo de Estudo Dialética, Educação e Cultura – Campo e Cidade da Universidade Federal do Pará no Campus de Altamira, na linha de pesquisa Formação de Professores, subárea Psicologia Escolar, tem como objetivo geral analisar o papel do psicopedagogo frente às dificuldades da aprendizagem. Pretende responder o seguinte problema de pesquisa: Qual a atuação do psicopedagogo e da psicopedagogia nas dificuldades de aprendizagem. Metodologicamente o estudo caracteriza-se como descritivo exploratório, e se apóia em uma base teórica consistente por meio da técnica bibliográfica e de campo, sob a luz de teóricos como: Grassi (2006), Lopes (2008), Lakomy (2003), Goulart (2005), Martins (2006), Visca (1991), dentre outros, que derão suporte ao estudo, quanto à abordagem será qualitativa com uma análise fenomenológica. Discute o Conceito de Avaliação em Psicopedagogia; Análise dos Resultados – A Conclusão Diagnóstica; Oficinas Psicopedagógicas; Avaliação Psicopedagógica; Fatores Emocionais e as Dificuldades de Aprendizagem, por fim, traz algumas considerações sobre o papel do psicopedagogo frente às dificuldades de aprendizagem, o que nos leva a perceber que este profissional da educação tem dois enfoques de trabalho: a atuação clínica e a atuação institucional, tendo como foco uma tarefa multidisciplinar em busca de diagnósticos e propostas de intervenção na melhoria do processo de ensino aprendizagem. No entanto, deixamos de apresentar a análise empírica, por estar em construção, e por fim listamos as Referências.

Palavras-chave: Educação, Dificuldades de aprendizagem, Psicopedagogia.

1. INTRODUÇÃO

A psicopedagogia é uma área do conhecimento que tem como objeto de estudo os processos de aprendizagem, suas dificuldades (e/ou distúrbios), visa contribuir para educação no sentido de melhorar o trabalho institucional, o psicopedagogo enquanto profissional poderá atuar clinicamente ou institucionalmente, cujo enfoque poderá ser preventivo ou terapêutico.

O presente trabalho é parte integrante de uma pesquisa em andamento do GEDEC-CC/UFGA Grupo de Estudo Dialética, Educação e Cultura – Campo e Cidade da Universidade Federal do Pará no Campus de Altamira, na linha de pesquisa Formação de Professores, subárea Psicologia Escolar e tem como objetivo geral analisar o papel do psicopedagogo frente às dificuldades da aprendizagem, completado ainda pelos seguintes objetivos específicos: Compreender os fundamentos da psicopedagogia; Identificar as formas de intervenção psicopedagógica; conhecer os fatores que dificultam a aprendizagem. Tendo

ainda como problema de pesquisa identificar: Qual a atuação do psicopedagogo, e da psicopedagogia nas dificuldades de aprendizagem?

Para tanto, abordar-se-á fundamentos epistemológicos acerca da psicopedagogia clínica e institucional, da avaliação do sujeito aprendiz, do diagnóstico de dificuldades de aprendizagem, e, por conseguinte da intervenção psicopedagógica.

Este estudo se justifica pela constante necessidade de conhecer o papel do psicopedagogo diante das dificuldades de aprendizagem encontradas hoje no ambiente escolar, bem como, compreender a importância deste profissional para o ambiente escolar.

2. METODOLOGIA

Metodologicamente o estudo caracteriza-se como descritivo exploratório, e se apóia em uma base teórica consistente por meio da técnica bibliográfica e de campo constituída pela análise de textos publicados, sob a luz de teóricos, como: Grassi (2006), Lopes (2008), Lakomy (2003), Goulart (2005), Martins (2006), Visca (1991), dentre outros, deram suporte ao estudo.

O estudo está sendo realizado com enfoque na pesquisa fenomenológica com uma abordagem qualitativa. Entre as técnicas utilizadas para a coleta de dados, destacamos a observação (ver, ouvir) direta *in locus*, e o questionário com questões abertas e fechadas, dessa forma, entendemos que esta nos permitirá entender e desenvolver conceitos partindo da apropriação da realidade, empregando procedimentos interpretativos, os quais nos fornecerão maior riqueza de informações.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Uma breve introdução a psicopedagogia

O psicopedagogo é um profissional da área de educação. Sua função específica é atuar sobre as dificuldades de aprendizagem, para tanto precisa compreendê-las, a partir das teorias da aprendizagem. O psicopedagogo tem uma atuação multidisciplinar, uma vez que esse não atua sozinho. Uma equipe que seja capaz de auxiliar o educando em suas dificuldades deve ser formada por vários profissionais como: psicólogo, fonoaudiólogo, pedagogo, neurologista, dentre outros.

O psicopedagogo poderá atuar clinicamente ou Institucionalmente. A atuação clínica pressupõe uma ação e interação sobre o indivíduo ou grupos, enquanto a atuação institucional supõe recair sobre os sujeitos institucionais, equipe de trabalho, professores. A fim de

favorecer uma melhoria das estratégias de ensino, treinamento ou qualquer forma de intervenção educacional. Segundo Grassi (2006) tanto a psicopedagogia clínica como a institucional pode ocorrer no mesmo espaço.

Podemos observar conforme aponta Grassi (2006) que os espaços se repetem, o que muda, é o enfoque na atuação. Em uma escola a atuação clínica do psicopedagogo se daria com um aluno, ou grupos de alunos, já uma atuação institucional se daria com os professores a fim de estabelecer estratégia de ensino mais eficazes e agradáveis, ou ainda direcionar e propor a revisão do Projeto Político Pedagógico (PPP) e/ou Plano de Desenvolvimento Educacional (PDE), mas nunca sozinho, sua atitude será multidisciplinar, e envolverá todos os profissionais da escola.

No entanto, quanto à forma de atuação esta poderá ser preventiva ou terapêutica. Martins (2006) assinala que o psicopedagogo elabora diagnóstico, realiza intervenções durante o trabalho com esforço na aprendizagem. De posse desses diagnósticos, o psicopedagogo pode levar a criança a integrar-se a vida escolar normalmente, o que recai sobre um trabalho terapêutico.

3.2 Fundamentos da psicopedagogia

A psicopedagogia nasceu de uma necessidade da pedagogia e psicologia em atuar na ação preventiva e corretiva. Nos estudos recentes, resultado da articulação de diversas disciplinas, busca-se novos caminhos para solucionar problemas antigos, é inerente o compromisso em transformar a realidade escolar a partir da compreensão do processo ensino-aprendizagem.

Juntamente a outras áreas do conhecimento, a psicopedagogia pode resolver problemas de aprendizagem, cabe ao psicopedagogo estabelecer vínculo positivo com o aprendiz, estimulando o prazer de aprender, tendo assim um olhar sem preconceito, sempre na escuta atenta, indo além das evidências já observadas pela família e pelo professor em sala de aula.

Em relação aos instrumentos a serem utilizados na psicopedagogia, Martins (2006) afirma que estes não são limitados, mas em geral são: jogos, brincadeiras, dinâmicas de grupo, e demais recursos didáticos que venham trazer ludicidade ao ato educativo. Assim por exemplo uma atuação terapêutica em psicopedagogia pode recair sobre um grupo de alunos, podendo se adotar brincadeiras, jogos educativos, sempre partido da perspectiva anteriormente citadas: “estimular o prazer de aprender”. Na forma preventiva podem-se

adotar as mesmas brincadeiras, jogos, a fim de evitar que se criem obstáculos educacionais.

3.3 Teorias da aprendizagem

Dada à natureza do presente estudo serão abordadas as teorias da aprendizagem que se orientam por um viés construtivista, dentre os principais teóricos segundo Lakomy (2003), temos Piaget, com sua teoria psicogenética do conhecimento e Vygotsky com a teoria sócio interacionista.

É comum vários autores ao abordarem a teoria psicogenética do conhecimento se deterem nas fases de desenvolvimento cognitivo construídos por Piaget. Tão importante quanto conhecer estas fases, é, conhecer como se dá a gênese do conhecimento; em outras palavras como os sujeitos (crianças/alunos) aprendem – daí o nome teoria psicogenética, não tendo qualquer relação com a ciência genética. Em seus estudos Piaget concluiu que há quatro fatores responsáveis pela aprendizagem: a) o fator biológico; b) fator ação, ou seja, a experiência adquirida na ação sobre objetos; c) as interações sociais, em especial as educacionais; d) o fator das equilibrações internas.

Segundo Lakomy (2003) para Piaget o homem participa ativamente no processo de construção do conhecimento: seja na ação direta sobre os objetos, seja nas inter-relações sociais. O ato de aprender envolve intensa atividade, ainda que interna e não visível aos olhos, por exemplo: ao resolver um problema de matemática a criança executa atividades mentais. A aprendizagem se dá por uma sucessão de estados equilíbrio – desequilíbrio – equilíbrio majorante, assim ao lidar com problemas de adição (o que já envolve esquemas de ação) a criança se utiliza de seus conhecimentos, se ela já domina esta operação matemática, está em estado de equilíbrio, ao ensinar-lhe a operação da multiplicação a criança cometerá erros no início, pois seus conhecimentos (esquemas de ação) não são suficientes, na medida em que ela for capaz de resolver cálculos de multiplicação ela entrará em novo estado de equilíbrio superior, denominado equilíbrio majorante.

Outra teoria muito importante para compreensão da aprendizagem humana e a teoria sócio interacionista. No bojo desta teorização encontramos algumas semelhanças a abordagem psicogenética, uma vez que ambas apontam a interação entre fatores biológicos e fatores sociais como imprescindíveis no processo de aprendizagem humana. Talvez o que mais diferencie Vygotsky de Piaget na visão de Lakomy (2003) seja a ênfase que o primeiro dá à ênfase as relações sociais e a língua no processo de aprendizagem. É possível entender essas diferenças se olharmos para as bases filosóficas e históricas que norteiam a produção teoria de

Vygotsky.

Os principais temas pesquisados por Vygotsky, segundo Lakomy (2003) foram: a linguagem; desenvolvimento e aprendizagem; e desenvolvimento proximal. No tocante a linguagem foi efetuada por ele importantes observações, as quais o levaram a crer que o desenvolvimento social da criança está inter-relacionado ao desenvolvimento da linguagem, a criança ao interagir com o meio utiliza-se da linguagem, assim como das pernas, braços e olhos. Quanto ao desenvolvimento e aprendizagem Vygotsky admitia que estas ocorressem por processos distintos, contudo, ressaltava que ambos estavam inter-relacionados. Observou ainda que nem todas as crianças de uma mesma faixa etária, em contato com o mesmo professor, aprendem da mesma forma. Elaborou então o conceito de “desenvolvimento proximal”, onde se justifica a disparidade entre a capacidade de aprender de crianças de mesma faixa etária, pelo mesmo estágio de desenvolvimento em que estas se encontram.

3.4 O conceito de avaliação em psicopedagogia

Em psicopedagogia avaliar significa investigar, ou seja, investigar as causas de uma não aprendizagem (ou dificuldades de aprendizagem) enfrentadas por um sujeito aprendiz (aluno). Note-se que o termo avaliar foi definido a partir de investigar, haja vista, a avaliação proposta e psicopedagogia diferem daquela empregada no ambiente escolar, haja vista que na avaliação/psicopedagógica será utilizado um aporte teórico pautado na psicologia da educação e na teoria psicogenética, alicerçada por recursos de avaliação inerentes ao ofício do psicopedagogo, e, de uso incomum na escola. Como produto da avaliação psicopedagógica, ou conclusão diagnóstica frequentemente estes termos são usados como sinônimos, onde um quando empregado suprime e subtende o outro, pois,

Ao final do processo de avaliação psicopedagógica Clínica, o psicopedagogo, certamente já deverá ter uma visão geral acerca do sujeito de sua avaliação. Dito de outra forma, o psicopedagogo terá que ter claro o que vem acontecendo com o avaliando do ponto de vista de sua aprendizagem e seus intervenientes. Para tanto faz-se necessário que, neste momento o psicopedagogo reúna os dados coletados, analise-os e elabore sua conclusão diagnóstica. (LOPES, 2004 p.39).

O psicopedagogo clínico sempre parte de uma reclamação, ou seja, uma queixa, sobre algo que não vai bem com o sujeito aprendiz (criança, adolescente, ou adulto). A queixa pode partir dos familiares, responsáveis, do professor (escola), ou do próprio sujeito aprendiz.

Notamos que neste caso a intervenção é de caráter terapêutico e não preventivo. Assim, na intervenção terapêutica o processo de avaliação se inicia mediante a apresentação de uma queixa, no entanto o psicopedagogo deve estar atento a dois parâmetros: a queixa da

família e a queixa da escola. Estas duas queixas por vezes podem diferir entre si. Depois de registrada a queixa no decorrer do processo avaliativo é preciso averiguar se as queixas procedem, pois podem se limitar a rotular sujeito aprendiz, seja pela família, seja pela escola.

Em psicopedagogia três aspectos devem ser levados em consideração: o Pedagógico, o Cognitivo e o Afetivo – Social.

Ao se propor investigar aspecto pedagógico do sujeito aprendiz centra-se o enfoque no seu desempenho escolar, no que realmente sabe fazer, em como vai ser seu rendimento escolar, e ele organiza estes conteúdos. Neste momento é preciso que a avaliação seja dialógica, o avaliador deve questionar o avaliando, este fornecerá respostas certas ou erradas, e neste momento o avaliador solicitará que o avaliando explique (justifique) sua resposta. Agindo assim o avaliador estará tomando conhecimento de como o sujeito aprendiz organiza os conteúdos escolares.

De acordo com Lopes (2008) no que tange o aspecto cognitivo é preciso avaliar como está o desenvolvimento cognitivo do sujeito aprendiz, seja ele criança, adolescente ou adulto. Lembrando que no caso de crianças espera-se que estejam no estágio de desenvolvimento pré-operatório passando para o operatório-concreto, e que adolescentes e adultos já se encontrem no estágio das operações-formais.

Por fim, devemos considerar o aspecto afetivo social no processo de avaliação, o que engloba: vínculo de aprendizagem formal e relações interpessoais, estas relações na escola se processam com os colegas e o professor, assim como na família se processam com irmãos, irmãs, pai, mãe e outros parentes. Em psicopedagogia é possível avaliar aspectos sociais e afetivos por meio das provas projetivas.

3.5 Análise dos resultados: a conclusão diagnóstica

Aqui se reúnem todos os resultados obtidos no processo avaliativo: a queixa da família, a queixa da escola, resultados obtidos nas seções avaliativas. Uma vez reunidos estes dados se elabora uma síntese dos mesmos, acrescentando possíveis medidas de intervenção. Feito isto temos a “conclusão diagnóstica”, ou “hipótese diagnóstica”, essa diferença de nomenclatura pode variar de autor para autor.

Uma vez organizada a conclusão diagnóstica é o momento de realizar a devolutiva, que consiste em dar um retorno à família e a escola acerca dos resultados obtidos ao longo das seções avaliativas, bem como propõe medidas de intervenção. Deve-se, no entanto realizar a devolutiva em reuniões diferenciadas, uma para a família e outra para a escola, e por fim pedir

autorização por escrito para realizar as intervenções propostas, vista que a família pode discordar do diagnóstico proposto.

Optamos por expor especificamente com as avaliações da psicopedagogia clínica, pois esta age diretamente sobre o sujeito aprendiz, diferencia-se de outras formas de avaliação, seja da psicopedagogia institucional ou de outras áreas do conhecimento, a abordagem será sucinta, e não abrange todas as formas de avaliação existentes em psicopedagogia.

A Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem (E.O.C.A.), forma de avaliação proposta por Visca (1991) possui profunda contribuição de Piaget e em seu método clínico, pois, não são aplicados testes de Quociente de Inteligência (Q.I.) convencionais para posterior correção, ao contrário toda avaliação é intermediada e dialogada por um avaliador (o psicopedagogo), que deverá solicitar ao avaliando (criança) determinadas atividades, o que se chama de consígnia, mediante as repostas que podem ser corretas ou erradas o avaliador pede ao avaliando que justifique sua resposta. Tal empreendimento quando bem aplicado permite identificar estruturas cognitivas que o sujeito aprendiz já desenvolveu. (VISCA, 1991).

INRC - Esta prova pode ser aplicada com adolescentes e adultos, e, estará avaliando o nível de desenvolvimento das operações formais, ao mencionarmos operações formais estamos abordando um grupo de estruturas e operações denominadas I.N.R.C. (Operação Idêntica; Operação negativa ou Nula; Operação Recíproca; Operação Correlata).

PROVAS PROJETIVAS PSICOPEDAGÓGICAS – Esta prova destina-se a avaliar os aspectos afetivos, em geral solicitamos desenhos, Grassi (2006) sugere que nesta prova o desenho em si não é o único ponto a ser analisado, o modo como se produz o desenho também deve ser alvo de análise, assim o avaliador precisa estar próximo ao sujeito aprendiz observando sua produção, e questionando quando necessário acerca dos significados em cada desenho. Pode-se pedir nesta prova os seguintes temas para desenho: eu e minha família; eu na escola; eu e meus colegas; alguém que ensina e alguém que aprende; momentos do dia (esta última folha pode ser dobrada em 4 ou 6 partes, e cada parte pode ser destinada a um momento).

3.6 Oficinas psicopedagógicas: uma via de intervenção

Como conceitua Grassi (2006), Oficinas psicopedagógicas são espaços onde “aprendente” e “ensinante” estabelecem vínculos afetivos para juntos construir o conhecimento. O espaço de realização de uma oficina deve ser lúdico o que requer uma reflexão acerca do ato de brincar, haja vista que como fenômeno sociológico a brincadeira

insere a criança na sociedade, é através da brincadeira que a criança desenvolve valores, crenças, normas, leis, regras, hábitos, costumes, histórias e princípios. O objetivo da Oficina não é a brincadeira pela brincadeira, mas a brincadeira como estratégia viabilizadora da construção do conhecimento, assim uma oficina psicopedagógica pode envolver: jogos; histórias de aventuras, fictícias, reais; contos de fadas; mitos; fábulas e lendas; dramatizações; música; canto e dança.

Em psicopedagogia uma oficina destina-se a ação preventiva ou terapêutica, ou seja, impede que as dificuldades de aprendizagem se instalem, ou propicia medidas corretivas quando já instaladas no sujeito conforme aponta Grassi (2004, p. 8 e 12). Como as ações educativas, desenvolvidas neste espaço, são intencionais devem ser mediadas, assim há troca de experiências entre um sujeito que ensina e um ou mais que aprendem.

3.7 Avaliação psicopedagógica

A avaliação psicopedagógica institucional diferencia-se da avaliação clínica por se ocupar dos sujeitos institucionais, ao passo que a segunda se ocupa dos sujeitos aprendizes como foi abordado anteriormente. Na psicopedagogia institucional ao se elencar como eixo do trabalho o assessoramento escolar, ainda que sob a perspectiva de avaliador externo, fixa um leque de atuação muito abrangente, que vai além dos aspectos afetivos, cognitivos e psicológicos frisados pela atuação Clínica. Goulart (2005) afirma que o eixo avaliativo institucional visa também aspectos sócio-político-econômicos, neste são abordados questões acerca: da organização administrativa da escola; acerca do currículo; acerca do Projeto Político Pedagógico; acerca das relações interpessoais na escola. Neste sentido sugere-se que a avaliação siga algumas orientações estabelecidas.

Nesta forma de atuação psicopedagógica utilizar-se-á instrumentos de avaliação qualitativos, oriundos das ciências humanas. Assim sugere-se a análise documental, entrevistas, e pesquisa etnográfica como aporte para os instrumentos de pesquisa, lembrando que estes se constituem em metodologias de pesquisa, ou recursos metodológicos de pesquisa científica, e por tanto quanto mais sólida for à formação do psicopedagogo e mais rica for sua leitura em epistemologia mais eficiente será sua avaliação.

Ao se mencionar análise documental é preciso recordar os documentos que direcionam a prática escolar, que podem ser: Projeto Político Pedagógico; Plano de Desenvolvimento Escolar; Plano Anual de Curso, elaborado pelo(a) professor(a). Estes documentos constituem referenciais que em algum momento foram adotados pela escola, e o desvio destes constitui

um ponto problemático. Já ao se utilizar as entrevistas como instrumentos formais de avaliação se faz necessário adotar um referencial teórico epistemológico. Neste momento sugere-se a Fenomenologia, uma corrente filosófica que aponta três formas bem distintas de entrevistas: Aberta, Semiaberta, Fechada. A adoção por uma ou outra pode variar de acordo com os objetivos avaliativos.

Quanto à pesquisa Etnográfica esta possui um critério de pesquisa qualitativa que se deve observar: A pesquisa etnográfica envolve de 1 a 2 anos de trabalho de campo, pelo menos. Neste sentido fica inviável utilizar a etnografia como método, contudo há algumas orientações etnográficas que se fazem proveitosas: a ida ao campo de pesquisa, o olhar etnográfico envolvido pelo estranhamento, o diário de campo, e a descrição densa.

É preciso ressaltar que estes instrumentos aqui sugeridos podem ser acompanhados de outros instrumentos, ou mesmo substituídos, quando se fizer necessário. Por exemplo: ferramentas estatísticas quando bem empregadas constituem-se em ótimos indicadores.

Quanto à intervenção Institucional o psicopedagogo deve estar ciente que ao propor mudanças estará afetando a instituição como um todo, mesmo que a alteração seja localizada, em uma sala, por exemplo, pois se muda rotinas e são discutidos por professores e demais profissionais. No entanto, deve haver um olhar positivo sobre as mudanças, pois esta é a oportunidade de mudar o que está disfuncional na escola. Como proposta de intervenção sugere-se a dinâmica de projetos, pois formaliza as ações a serem desenvolvidas e leva os sujeitos envolvidos a questionarem o fazer teórico e prático em busca de soluções.

Na Psicopedagogia institucional os projetos tanto podem estar voltados para os alunos, como para escola, quando o projeto está voltado para o aluno às ações irão recair sobre os processos de ensino aprendizagem. Em geral parte-se da queixa de um ou mais alunos com dificuldades, neste caso não se deve limitar a análise de porque o aluno não aprende neste momento o aluno é um ser cognitivo e social, que está inserido em um contexto maior, ou seja, escolar, familiar e interpessoal. Assim há algumas orientações: a) Ouvir atentamente a queixa para além da queixa, atento ao vocabulário e expressões (físicas) utilizadas pelos educadores; b) ouvir o aluno, não somente conversar com ele, mas aplicar testes da Psicopedagogia Clínica; c) ouvir os pais, aqui se aplica a técnica da anamnese, tomando-se cuidado com vocabulário utilizado na conversa com os pais. Após estes três primeiros passos é presumível a elaboração de projetos para atuar com os alunos, podendo ser projetos individuais ou em grupo.

Por fim visualizam-se os projetos voltados para a escola. Estes implicam

necessariamente: na avaliação da estrutura organizacional da instituição; em conhecer seu entorno, a comunidade onde está inserida e; no assessoramento psicopedagógico em busca da correção de possíveis disfunções na escola. Como bem ressalta Goulart (2005), por vezes estes projetos se debruçam sobre problemas não de ordem de aprendizagem do conteúdo escolar, mas que afetam a escola como um todo. Neste sentido se fazem necessários projetos que mudem, aperfeiçoem pontos disfuncionais na escola, seja: o currículo; a metodologia; divisão de horários; relações interpessoais (professo/aluno; professor/coordenação). Neste quesito se faz uma ressalva o projeto não pode vir pronto e acabado, devem ser construído na escola, junto com os professores, coordenadores e diretor.

3.8 Fatores emocionais e as dificuldades de aprendizagem

Em linhas gerais algumas das pesquisas que abordam dificuldades de aprendizagem envolvem fatores emocionais. Assim são duas as vertentes que figuram neste ramo: a) defende que crianças com dificuldades em aprender possuem fatores emocionais como causa; b) defende que crianças que apresentam dificuldades escolares, seja por razões pedagógicas ou de outra ordem, acabam tendo problemas emocionais como consequência. Na primeira vertente observa-se que os sujeitos, cujo, fatores emocionais intervêm negativamente na aprendizagem, apresentam agressividade e/ou apatia e/ou tolerância à agressão, o exceto abaixo traz uma lista de possíveis causas dos distúrbios emocionais:

- 1 – Os pais superprotegem a criança criando uma relação de dependência dela com os adultos, o que transforma a aprendizagem numa tarefa impossível de ser realizada sozinha.
- 2 – O processo de aprendizagem exige padrões fixos e sistemáticos de comportamento para que as tarefas escolares sejam cumpridas. Crianças com dificuldades em aceitar limites poderão ter problemas para se adaptarem ao sistema educacional.
- 3 – Exigências sociais (escolares e de pais) para que a criança realize as funções simbólicas de ler e escrever antes que tenha condições físicas, emocionais e cognitivas para fazê-lo. Estas exigências podem desenvolver sentimentos de fracasso e ressentimentos que impedem o processo normal de aprendizagem. (MONRÔE apud MORAIS, 2006, p. 72).

Assim como dos principais distúrbios da aprendizagem, não deverá ser deixada de lado a relação dificuldades de aprendizagem com os métodos de ensino, pois, não raro o problema estará na metodologia empregada em sala de aula, e ainda que o docente utilize-se de métodos e técnicas coerentes de ensino, deverá ser estudada em lócus a didática ministrada, pois certos indivíduos deverão ter atenção especial na metodologia aplicada. Para uma rápida discussão acerca dos métodos de ensino, tomar-se-á a seguinte citação:

A via fonológica é mais lenta que a via direta já que o processo requerido é muito mais extenso até chegamos a reconhecer a palavra, no entanto, não é menos importante e, inclusive, podemos afirmar que os estágios iniciais da aprendizagem da leitura dependem da consciência fonológica. A rota visual ou direta ou léxica - É uma rota global e muito rápida já que nos permite o reconhecimento global da palavra e sua pronúncia imediata sem necessidade de analisar os signos (significante e significado) que a compõem. (MENDONÇA, 2010, p.7)

Basicamente são três grandes vertentes nos métodos de ensino: Métodos sintéticos, Método analíticos, Métodos Ecléticos conforme aponta Moraes (2006). Sujeitos que apresentam Dislexia será bem alfabetizado por métodos sintéticos, também denominados por palavração, silábicos, ABC, pois partem da sílaba e letras no processo de alfabetização, aqui o sujeito dislexo observará a palavra em suas unidades mínimas podendo usá-las na construção de novas palavras.

Os mesmos sujeitos que apresentam dislexia já terão uma alfabetização mais complicada se alfabetizados, pelos métodos analíticos, também denominados globais, método da frase, pois a menor unidade usada será a frase, ou parágrafo, assim o sujeito deverá construir seu conhecimento observando textos em sua totalidade, e eis aqui o grande paradoxo, pois na dislexia o sujeito tem dificuldade redobra da na construção da leitura e escrita.

Os métodos ecléticos são uma fusão dos métodos sintéticos e analíticos, uma alternativa viável no contexto escolar, todavia nem todas as técnicas do método eclético são bem vindas na terapia, pois o processo de intervenção requer uma análise do estado de prontidão, das habilidades já desenvolvidas pelo sujeito, para daí elaborar “exercícios” que visem recuperar o processo de aprendizagem salutar e, prazeroso.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O psicopedagogo tem dois enfoques de trabalho: a atuação clínica; a atuação institucional. Estas se definem pelo grupo a ser trabalhado, na primeira forma de atuação o profissional atuará junto ao aluno, ou grupo de alunos, que, são sujeitos aprendizes que apresentam queixas. É neste espaço que o psicopedagogo realiza diagnósticos clínicos de dificuldades de aprendizado, elabora a hipótese diagnóstica e também a intervenção psicopedagógica.

Por outro enfoque, o institucional, o psicopedagogo atua junto ao corpo docente e demais profissionais de ensino, a fim de estabelecer estratégias de ensino mais eficazes e agradáveis, neste espaço ambos profissionais podem redirecionar o PPP e PDE, discutir

metodologias de ensino assim como encaminhar treinamentos, para formação continuada.

Para atuação clínica o psicopedagogo lançará mão de vários meios de diagnóstico, ao longo deste trabalho abordaram-se três instrumentos: A Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem (E.O.C.A) com intuito de permitir ao profissional construir a entrevista de maneira espontânea, porém dirigida e de forma experimental conforme Lopes (2008); o I.N.R.C, que verifica o desenvolvimento das operações formais, que são: Operação Idêntica, Operação Nula, Operação Recíproca, Operação Correlata; e por fim Provas Projetivas Psicopedagógicas, que consistem na tomada de desenhos para averiguar questões afetivas, pois, “por meio do desenho, o sujeito exprime sentimentos e revela atitudes concernentes ao seu desenvolvimento” (LOPES, 2008, p 28).

Estes meios de diagnóstico embasarão a hipótese diagnóstica o que levará o sujeito à intervenção. Como anteriormente exposto às oficinas psicopedagógicas são uma via de intervenção, cuja, finalidade é a ação preventiva e terapêutica, ou seja, impede que as dificuldades de aprendizagem se instalem, ou propicia medidas corretivas quando já instaladas no sujeito, sendo assim, o psicopedagogo tem como foco uma tarefa multidisciplinar em busca de diagnóstico e propostas de intervenção na melhoria do processo de ensino aprendizagem.

REFERÊNCIAS

GRASSI, Tânia Mara. **Psicopedagogia: um olhar uma escuta**. Curitiba: Editora IBPX, 2009.

———. **Oficinas Psicopedagógicas**. Curitiba: IBPEX, 2004.

GOULART, Íris Barbosa. Piaget : **Experiências Básicas para utilização para utilização pelo professor**. 21ª ed. Ver. – Petrópolis; FJ :VOZES, 2005.

LAKOMY, Ana Maria. **Teorias Cognitivas da Aprendizagem**. – Curitiba : IBPEX, 2003.

LOPES, Shiderlene Vieira de Almeida. **O Processo de Avaliação e intervenção em Psicopedagogia**. Curitiba: IBPEX, 2008.

MARTINS, Mara Rubia Rodrigues. **Psicopedagogia: A solução para os problemas de aprendizagem**. Disponível em <www.grupouniter.com.br> . Acesso em 20 de dezembro de 2006.

MENDONÇA, Edinalva Sidronêz de. **Estudo das Dificuldades de Aprendizagem na Leitura e Escrita no Segundo Ciclo do Ensino Fundamental no Município de Lagoa Salgada-RN**. Disponível em http://webserver.falnatal.com.br/revista_nova/a5_v1/artigo_2.pdf> acesso em 29-06-2010.

MORAIS, António Manuel Pamplona. **Distúrbios da aprendizagem: Uma abordagem psicopedagógica**. São Paulo: EDICON, 12ª ed., 2006.

VISCA, Jorge. **Psicopedagogia: novas contribuições**; organização e tradução Andréa



Morais, Maria Isabel Guimarães - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

